

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**

**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES**

**CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS**

**ENTRELAÇANDO IDENTIDADES: PERSPECTIVAS DECOLONIAIS EM O FIO DAS MISSANGAS, DE MIA COUTO**

Franciely Ardilla de Jesus

Goiânia,

2024

**FRANCIELY ARDILLA DE JESUS**

**ENTRELAÇANDO IDENTIDADES: PERSPECTIVAS DECOLONIAIS EM O FIO DAS MISSANGAS, DE MIA COUTO**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Elizete Albina Ferreira

Goiânia,

2024

**Franciely Ardilla de Jesus**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

**Banca Examinadora**

Orientadora: Profa. Dra. Elizete Albina Ferreira /PUCGO

Professor Leitor: Divino José Pinto/PUCGO

Goiânia,

2024

Dedico a todos que, em algum momento, estiveram presentes na caminhada para que esse trabalho pudesse ser realizado.

**AGRADECIMENTOS**

Quando pensamos em agradecer, paramos sempre para refletir todo o processo que nos fez chegar até aqui. Em primeiro lugar, agradeço a minha Tia Vanuza, que sempre fez de tudo para que eu pudesse chegar aonde cheguei. Sempre me levando e buscando, por mais longe que fosse, sabia que ela sempre estaria ali fora me esperando sair. Em segundo lugar, agradeço minha mãe, Marilza e minha irmã, Gabriela, que mesmo longe torciam muito para que esse momento final chegasse.

No campo acadêmico, agradeço ao Vitor Hugo, pois se tornou um irmão para mim. Sempre me ajudando e me guiando em momentos que a vontade era desistir de tudo. Que sempre me fez rir quando os dias acadêmicos somados com o CLT pareciam dias sem fim. A graduação me deu um melhor amigo e irmão ao mesmo tempo.

Não poderia deixar de fora a minha amiga e conselheira Miriã, aliás, Doutora Miriã, que me ajudou dando broncas e observando pontos dos quais eu não queria ver.

Agradeço também a minha orientadora, Elizete Albina Ferreira, que sempre esteve disponível para me ajudar e segurou minha mão, me guiando na construção desse trabalho durante um ano e meio. Entre conversas e encontros, tive a certeza de que tive uma orientadora presente nos momentos mais complexo, aliás, ouvir que confiava em mim, me deixou mais aliviada em continuar o trabalho.

Um espaço especial a todos aqueles que algum dia tiveram uma fala positiva, um conselho construtivo ou simplesmente um abraço forte de apoio. São esses pequenos gestos e cuidados que tornam a vida mais leve e fácil de lidar.

Gostaria de agradecer a uma pessoa especial, que infelizmente não está aqui para me prestigiar quando eu ouvir um positivo para final dessa jornada acadêmica, minha tia Cidinha. Sei que você gostaria muito de assistir isso... mas infelizmente não terminei a tempo de você estar entre nós para assistir. Obrigada, tia, por passar em nossas vidas.

Por último, e não menos importante, agradeço a Deus, por me permitir a ser primeira da minha família a chegar tão longe em uma graduação e levar esse orgulho a minha mãe e minha tia.

*Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas, nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite.*Clarice Lispector.

**RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo mostrar que o processo de colonização e escravidão não apenas escravizou fisicamente o povo africano, mas também os tirou de suas raízes ancestrais e práticas culturais. Em resposta, eles buscaram preservar suas crenças por meio de tradições orais, que se tornaram um meio vital na sua resistência, por meio da transmissão das histórias, contos e canções para as gerações futuras. A literatura africana, em especial, por meio das obras de autores como Mia Couto, destaca a importância da oralidade na manutenção da identidade cultural, e serve como uma forma de resistência contra o apagamento de sua herança, enfatizando o papel dos idosos na preservação dessas tradições. A base teórica centra-se, dentre outros, nos conceitos de identidade, trazido por Stuart Hall, a partir da discussão empreendida sobre a importância de se valorizar mecanismos que possibilitem a configuração do que se entende por pertencimento na contemporaneidade.

**Palavras-chave**: Literatura africana; Identidade; Oralidade; Mia Couto.

**ABSTRACT**

The present work aims to show that the process of colonization and slavery not only physically enslaved the African people, but also removed them from their ancestral roots and cultural practices. In response, they sought to preserve their beliefs through oral traditions, which became a vital means in their resistance, through the transmission of stories, tales and songs to future generations. African literature, in particular, through the works of authors such as Mia Couto, highlights the importance of orality in maintaining cultural identity, and serves as a form of resistance against the erasure of its heritage, emphasizing the role of the elderly in preserving these traditions. The theoretical basis focuses, among others, on the concepts of identity, brought by Stuart Hall, based on the discussion undertaken about the importance of valuing mechanisms that enable the configuration of what is understood by belonging in contemporary times.

**Keywords**: African literature; Identity; Orality; Mia Couto.

**SUMÁRIO**

**RESUMO**...........................................................................................................08

**INTRODUÇÃO** ..................................................................................................11

## **I RAÍZES E ORIGENS DA LITERATURA AFRICANA.....................................13**

* 1. Literatura e identidade: confluências ............................................................17

1.2 Aspectos do conto.......................................................................................19

**II LITERATURA DE MATRIZ AFRICANA E MIA COUTO: ESCRITAS DO POVO.................................................................................................................22**

2.1 Literatura de matriz africana: espaço da representatividade.......................22

2.2A escrita eMia Couto: marcas de oralidade e ancestralidade.......................26

2.3 As três irmãs: simbologias e representação estética....................................30

**CONSIDERAÇÕES FINAIS ..............................................................................36**

**REFERÊNCIAS .................................................................................................37**

**INTRODUÇÃO**

Aos pensamos em formas de resistência ao processo de colonização, muitas vezes, lembramos apenas dos aspectos que envolvem a escravização física sofrida pelas pessoas de África. Não pesamos que o processo de escravidão tirou do povo também suas raízes ancestrais ao serem inseridos dentro de uma cultura nova e proibidos de cultuar seus deuses e suas tradições. Com isso, o povo africano percebeu que suas raízes corriam o risco de serem extintas, por isso, como forma de resistência, buscaram meios de manterem suas crenças vivas. A literatura africana, em primeiro momento, nasce entre as histórias, contos e os cantos. A forma oral foi o meio encontrado para o repasse das tradições às novas gerações.

Apesar de ser ainda pouco explorada se olharmos para a magnitude de sua força, a literatura africana tem um grande legado dentro da literatura de língua portuguesa, podemos observar que as marcas culturais presentes atualmente têm características que fundamentam a identidade do povo, e, nessa análise podem ser investigadas as origens de como e quando essa ciência surge, sendo uma arma contra o processo de colonização.

Autores como Mia Couto demostram em suas obras como a oralidade foi o ponto chave para manter e espalhar pelo mundo as características marcantes e belas da cultura africana. A busca por libertação e a necessidade de manter vivas as suas origens dentro do processo de escravização, já que o povo não tinha outras formas de acessar suas raízes maternas, estando em outros países. Como objetivo central, a temática dessa pesquisa é mostrar que identidade do sujeito e suas origens pode ser mantida mesmo fora das suas terras. Além de mostrar as características e a oralidade dentro da obra de Mia Couto.

Para entender como é formado toda a construção de uma identidade, será usado como base teórica os estudos de Stuart Hall, no entendimento do que é a identidade cultural.

O entendimento de como as memórias ancestrais são recurso na manutenção e no repasse das tradições às novas gerações, baseamo-nos no artigo “A memória dos velhos e a valorização da tradição africana: algumas literaturas”, de Lidiane Alves e Marilúcia Mendes.

A fim de entender como o processo de oralidade passou a ganhar força nos contos, a definição de conto é feita através da análise de Júlio Cortázar. E a representatividade e representação, entram em cena para explicar a diferença entre seus conceitos e como ambas estão ligadas de forma uniforme.

A literatura africana está ligada às tradições orais do seu povo, a preservação da cultura e identidade foram determinantes na resistência contra as condutas impostas no processo de escravatura. Os idosos tomam uma parte de suma importância na preservação do legado africano, uma vez que são eles os responsáveis pelo repasse das histórias e contos às gerações futuras. Como a escrita ainda não era desenvolvida na época, foi a oralidade que tomou o papel de contar e narrar. Por serem, em sua maioria, histórias curtas, é necessário entender o conceito que conto. A diferenciação entre representatividade e representação entra como papel de explicar que essas histórias são a representação de um povo.

Buscando compreender a obra de Mia Couto, se faz necessário entender em um primeiro momento quem é o autor e como seu trabalho é realizado. O entendimento de como o autor se expressa através da escrita e em seus contos, é fundamental para perceber a dinâmica de seu processo estético.

Em *Os fios das missangas*, mais especificamente no conto “As três irmãs”, observamos o processo de opressão e apagamento da identidade quando as personagens são colocadas em um campo limitado a realizar as vontades do pai.

Visualizando dentro da obra de Mia Couto a opressão vivida pelo povo africano, o apagamento da sua identidade a sua residência, faz com que o público tenha em suas mãos a representação e a busca constante do povo africano na construção e valorização das suas tradições.

## **I RAÍZES E ORIGENS DA LITERATURA AFRICANA**

A literatura africana está profundamente ligada às raízes das tradições orais dos seu povo. Antes da introdução da escrita, as histórias, os mitos e as formas poéticas eram transmitidos de geração em geração por meio da fala, através da oralidade. Com isso, a oralidade ganha destaque na luta pela libertação dos escravos, pois surge como uma arma do povo escravizado, que buscava sair das raízes dos seus colonizadores e retornar às suas raízes de origens, uma vez que eram impostas sobre o povo colonizador as convicções e os desejos do colonizador, sendo reprimidos em sua cultura, a língua materna, as suas manifestações religiosas, entre outras características que dariam àquele povo uma identidade caracterizada e demarcada pelas vontades do colonizador, assim, afirmando sua imposição e reprimindo quaisquer outras convicções que eram vistas como ameaça para seu domínio.

Com o processo de escravização, o povo escravizado viu toda sua origem se desfazer assim que chegava às terras de seus dominadores e, com isso, as novas gerações que nasceram e cresceram dentro do processo escravista, não tinham mais os conhecimentos de suas origens e nem as lembranças do seu legado no passado. Todo o conhecimento que tinham criado, dentro da cultura colonizadora, tinha suas características transformadas nas que foram impostas sob forte influência dos seus “donos”. Alguns escravos não sabiam mais sua própria língua ancestral e nem sobre sua própria cultura. Com isso, surge a necessidade de trazer às novas gerações o legado das raízes de seu passado.

A necessidade libertação não está ligada apenas à libertação física, mas também à libertação de todas as condições impostas pelo colonizador ao colonizado, pois o povo não tinha mais suas características originárias, os sujeitos escravizados não tinham mais sua própria identidade. Identidade essa era apenas a que foi construída pelo colonizador com suas características e marcas de domínio. Dentro da literatura africana, o povo utiliza da sua voz (a oralidade) como forma de manter suas tradições vivas e repassá-las de geração em geração.

No artigo “A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas leituras” (2011), de Lidiane Alves e Marilúcia Mendes, podemos observar que o interesse central apresenta a figura do velho[[1]](#footnote-1) como fonte vital de conhecimento e de compartilhamento de sabedoria do povo africano, isso porque são eles os anfitriões das memorias do povo e está ligado também nas investigações dos aspectos da cultura popular, vida em comunidade e identidade de um povo. O foco nos costumes, na religiosidade e nas tradições representam como é formado da construção social da memória e ajudam a entender como ela molda a identidade.

Nesse artigo, as autoras apresentam que a narrativa oral/oralidade, especialmente entre os mais velhos, não é apenas um conhecimento individual, e garantem a transmissão também da memória de toda uma comunidade. Walter Benjamin e Maurice Halbwachs são citados como pensadores que exploram a ideia de que a memória é um processo coletivo, no qual o ato de recordar é sempre influenciado por interações sociais. Halbwachs distingue o papel da “memória coletiva”, que mantém vivos os aspectos do passado que ainda fazem sentido no presente, e a “memória histórica”, que tenta organizar e reconstruir o passado.

A memória coletiva tem como objetivo preservar as tradições e as experiências dentro do processo social. Porém, a sociedade moderna, muitas vezes, coloca de lado os conhecimentos dos idosos, sendo eles os principais guardiões da memória. Ecléa Bosi destaca o papel dos idosos na preservação da memória, argumentando que eles são essenciais para transmitir valores e tradições para as gerações mais jovens. As autoras também mencionam os exemplos de sociedades que valorizam a transmissão intergeracional, como os japoneses e os africanos, onde os mais velhos desempenham papéis fundamentais na manutenção da continuidade cultural e espiritual. (Alves; Mendes, 2011):

[...] o ancião cumprirá “a religiosa função de unir o começo ao fim, de que tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens” (Bosi, 2004, p.82). Guardião do tesouro espiritual e das tradições da comunidade, pelo velho uma diversidade de conhecimentos chega aos mais novos, corroborando a força de sua experiência e de sua memória. (Alves; Mendes, 2011, p.456)

As tradições orais e a memória coletiva têm um papel muito importante na identidade e são elementos centrais na literatura, dos povos africanos conforme apontam Alves e Mendes.

A sociedade africana, originalmente ágrafas[[2]](#footnote-2), utilizavam a oralidade como principal meio de preservar e transmitir suas histórias, costumes e conhecimentos. Nesse contexto, os griots[[3]](#footnote-3), narradores tradicionais, são figuras fundamentais. (Alves; Mendes, 2011).

A valorização da tradição oral, na África, longe de significar apenas um meio de comunicação, reluz uma maneira de preservar a sabedoria da ancestralidade. Nesse sentido, a palavra transmitida na oralidade conduz a herança ancestral tão valorizada por esta cultura. Os seus griotes relatam as histórias ouvidas de seus antepassados, que por sua vez, deverão ser ouvidas entres as gerações seguintes. (Alves; Mendes, 2011, p.457)

Eles atuam como guardiões da memória coletiva, perpetuando a cultura e as tradições locais. Apesar da crescente influência da escrita, a oralidade mantém seu valor, especialmente nas literaturas de Angola e Moçambique, que frequentemente incorporam elementos dessa rica tradição (Alves; Mendes, 2011).

Durante o período de colonização portuguesa, as tradições orais enfrentaram grandes desafios, como a imposição da língua portuguesa e da cultura europeia. A escrita, entretanto, emergiu como um instrumento de resistência. Por meio dela, escritores africanos denunciavam a opressão colonial enquanto preservavam elementos das tradições locais. Mesmo assim, a oralidade resistiu, influenciando significativamente a literatura escrita, que muitas vezes mescla narrativas tradicionais com técnicas modernas, mantendo viva a voz dos anciãos como transmissores de sabedoria.

Dentro da literatura africana, especialmente em Angola e Moçambique, a memória tem como função preserva o passado e desenvolve uma resistência cultural, isso ocorre na tentativa de ir contra a cultura imposta pela colonização. Ao resgatar mitos, histórias e tradições, a literatura dá ao passado a chance de permanecer vivo entre as gerações para que não seja esquecido, fortalecendo a identidade cultural dos povos. Assim, a literatura africana continua a desempenhar um papel vital na proteção e valorização de sua rica herança cultural.

Como mencionado anterior, a literatura africana utiliza as tradições orais para fortalecer a identidade cultural, coletiva e resistir às influências do novo meio que o povo foi inserido, que tentam apagar ou transformar as culturas locais. Ao retratar as memórias e o conhecimento dos idosos, pode ser reafirmado o valor da sabedoria acumulada ao longo do tempo e a importância de mantê-la viva nas comunidades. Assim, a literatura se torna um veículo de preservação e revitalização das tradições, reforçando o papel dos mais velhos como elos entre passado, presente e futuro.

Para compreendemos toda uma sociedade, é necessário conhecer suas origens. Essas origens trazem consigo as marcas que caracterizam determinado povo e isso cria sua própria identidade, como marca única esse povo, assim sendo reconhecida em qualquer época, espaço ou ambiente que for inserida.

A literatura africana emerge com o intuito de conquistar a independência, não apenas para o povo, mas também para se desvincular da identidade imposta pelos colonizadores. Isso porque a identidade original vinha sendo progressivamente apagada pela influência da cultura e dos valores coloniais.

Após a colonização de Angola por Portugal, dá-se início alguns conflitos internos dentro do país. Foi colocando sobre os colonizados as vontades e desejos do colonizador, sendo reprimidos a cultura, a língua de origem, as tradições do colonizado além da escravização do povo africano. Com tudo isso, foi nascendo a necessidade na criação de movimentos para a libertação do povo colonizado.

Era imposto aos escritores e autores que, as obras deveriam serem escritas na língua português, porém, eles insistiam em colocar entre uma linha ou outra, palavras que se originavam das línguas maternas como o quimbundo (ou Kimbundu)[[4]](#footnote-4), o umbundo[[5]](#footnote-5), entre as outras línguas.

Assim, entre as entre linhas o movimento de independência do povo africano começo a ganhar cada vez mais força e voz em meio a conturbada colonização de África.

O movimento de libertação fica caracterizado por outro ponto:

(...) o processo literário se fez seguindo a linha das lutas para conquistas a independência nos mais diversos. (...) alinhou-se entre forças decididas a construir uma nacionalidade angolana, participando de movimentos empenhados na construção de uma identidade cultural. (Chaves, 2005, p. 34)

A busca por essa identidade, faz nascer escritores dispostos a lutar pelas características de origem do povo angolano. Sobrevivendo em meio às opressões dos portugueses, ainda resistindo nos contos e histórias dos antepassados.

* 1. **Literatura e identidade: confluências**

O conceito de identidade é algo complexo e que abrangerá uma variedade de formas, algumas delas estão relacionadas a identidade social, pessoal e nacional (isso porque cada país tem características que destaca em seu povo). Esse conceito é formado por contextos históricos, culturais e sociopolíticos, destacando tanto as experiencias individuais como as coletivas. Dentro da sua complexidade, podemos evidenciar a variedade de interpretação e estruturas criadas e estabelecidas por pesquisadores da área.

Por ser uma aria ampla, iremos analisar esse conceito na visão de Stuart Hall, que é um dos principais teóricos dos estudos culturais, que aborda o conceito de identidade como algo dinâmico, em constante transformação. Para ele, a identidade não é fixa, essencial ou imutável, mas uma construção social, histórica e cultural. Nesse sentido, Hall afirma que a identidade deve ser compreendida como um processo contínuo, moldado pelas experiências e pelos contextos em que os indivíduos que estão inseridos dentro de determinada sociedade.

Hall apresenta três conceitos diferentes do que pode ser identidade e como ela pode ser construída dentro desses conceitos. O primeiro conceito é sobre o sujeito dentro do Iluminismo:

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo '“centro” consistia no núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou ''idêntico” a ele- ao longo da existência do indivíduo. (Hall, 2006, p.10).

Na visão apresentada por Stuart Hall, esse primeiro o conceito refere-se ao sujeito do Iluminismo, que traz consigo uma concepção de identidade marcada pela ideia de um “eu” centrado e unificado. Esse sujeito é mostrado como dotado de razão, consciência e capacidade de ação, com um núcleo interior que permanece constante ao longo da vida. Essa perspectiva iluminista, que vê o indivíduo como essencialmente contínuo e estável, contrasta diretamente com a visão de identidade proposta por Hall em seus estudos culturais, nos quais a identidade é vista como um processo fluido e relacional, sujeito a mudanças históricas, culturais e sociais.

No contexto sociológico, o sujeito é compreendido como alguém cuja identidade não é autônoma, mas formada nas interações sociais. Essa visão reflete a complexidade do mundo moderno, onde o “eu” interior é moldado por relações com outras pessoas e mediado pelos valores, sentidos e símbolos culturais. Nesse modelo, a identidade é um diálogo constante entre o indivíduo e os mundos culturais exteriores, que influenciam e modificam a essência interior ao longo da vida.

O terceiro conceito de identidade é baseado no sujeito pós-moderno. Esse conceito tem como base um sujeito que não tem uma identidade fixa. Isso porque dentro do processo de modernidade, o sujeito poderá ter diferentes identidades dentro de um período culto, médio ou alongo prazo, ou seja, ele terá a flexibilidade de se adaptar em diferentes culturas e não apenas na sua culta ancestral, é definida historicamente, e não biologicamente. “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (Hall,2006, p. 12)*.*

Hall nos mostra que, dentro do contexto do pós-moderno, a identidade não é mais fixa e estável, se torna algo simples e adaptável. Assim, os indivíduos podem assumir diferentes identidades em locais diferentes e em tempos diferentes, dentro da realidade que se encontra naquele momento. Essa perspectiva descarta a noção de uma essência única e imutável, destacando o caráter histórico das identidades e sua capacidade de transformação. Stuart Hall também reconhece que os indivíduos carregam identidades contraditórias em si mesmos, o que provoca deslocamentos constantes nas maneiras como se identificam.

A cultura tem um papel fundamental na formação das identidades, segundo Hall. Ele sugere que é por meio da cultura que os significados e valores são produzidos. Com isso, a identidade por der entendida como uma narrativa que as pessoas constroem sobre si mesmas. Porém, não necessariamente coerente ou linear, mas reflete os dilemas, contrações e mudanças que caracterizam a vida social.

O fato de a identidade ser formanda de acordo com o meio social vivenciado pela pessoa, construindo sua forma de pensar e agir. Foi esse fato que fez a libertação do povo escravizado não era algo apenas físico, era necessário a libertação da identidade imposta e o retorno a suas raízes ancestrais a fim de reencontrar todas suas características desde a cultura até a sua língua materna.

* 1. **Aspectos do conto**

O Conto trata-se de uma narrativa curta, que em geral conta algum acontecimento fictício de forma clara e objetiva, sem muito detalhes que possam prologam a trama. Tem como característica principal eventos com poucos personagens e com um único ponto central. Esse ponto central, pode ser um conflito onde a sua a característica é ponto chave do desenvolvimento da trama.

Os detalhes são limitados, com o intuito de fazer o leitor focar apenas no ponto central, entretanto, tem intensidade em determinados momentos e brechas para vários pontos de vistas, o que chamo de intensidade num conto consiste na eliminação de todas as ideias ou situações intermediarias, de todos recheios ou fases de transição que o romance permite e mesmo exige. (Cortázar. 2006. P.157).

Para Júlio Cortázar, o conto deve ter sua estrutura fechada, onde os elementos colaboram para o desenvolvimento da trama, criando assim uma tensão envolvente e crescente que caminham para um final transformador. Ele afirma que o conto tem como obrigação capturar a atenção o leito do início ao fim, mantê-lo imerso até um clímax que que envolve o leitor, tocando o simbólico e o emocional.

Essa visão mostra que a obra é descrita por narrativas curtas, mas densas, onde o cotidiano é frequentemente atravessado pelo fantástico, gerando desconforto e reflexão. O conto não tem um compilado de variações de histórias, conflitos e tempo, ou seja, tudo se passa dentro de curto momento

O conto geralmente trata de uma determinada situação e não de várias, e acompanha o seu desenrolar sem pausas nem digressões, pois o seu objetivo é levar o leitor ao desfecho, que coincide com o clímax da história, com máximo de tensão e o mínimo de descrições. (Aragão, 2001.p.74)

Em sua grande maioria, são narradas na terceira pessoa e quando não, na primeira pessoa, sempre de forma objetiva. Além disso é uma forma literária de impacto imediato e com uma carga emocional concentrada, não devendo haver motivação psicológicas complicadas, nem múltiplas peripécias. (Aragão. 2001)

O conto, dentro da literatura africana, demostrar que são mais que narrativas, pois eles transmitiram os valores, crenças e conhecimentos de geração em geração, fortalecendo a identidade cultural. Esses contos desempenham papéis essenciais, como preservar costumes e tradições, ensinar valores como respeito e coragem, reforçando os laços comunitários ao serem contados em grupo. Os personagens são elementos simbólicos, os cenários sagrados e uma linguagem rica em metáforas destacam a conexão com a cultura materna.

Refletindo assim, a diversidade e profundidade das culturas africanas, ressaltando a importância de preservar raízes e tradições. Tradicionalmente, os contos africanos foram transmitidos oralmente, como parte da tradição oral das sociedades africanas, sendo narrados por anciãos ou contadores de histórias. Algumas características do conto na literatura africana: enriquecimento cultural, moralidade e lições de vida, personagens com marcas históricas, uso de símbolos e metáforas, interação com o sobrenatural, preservação da oralidade e contexto social e político.

**II LITERATURA DE MATRIZ AFRICANA E MIA COUTO: ESCRITAS DO POVO**

Os conceitos de representatividade e representação, embora frequentemente usados de forma incorreta no sentido de serem trocados um pelo outro, ou seja, são frequentemente confundidos, têm os significados distintos um do outro. É de suma importância que a compreensão dessa distinção seja compreendida de forma correta para que possamos realizar a análise crítica em todos os contextos, em especialmente as questões relacionadas à obra literária, (sendo o campo central de estudo do presente trabalho), destacando a importância dentro da inclusão e da diversidade.

A representação se refere à presença de um grupo ou indivíduo em uma obra, como um reflexo da realidade. Já a representatividade vai além, conferindo a esses grupos o poder de contar suas próprias histórias e de moldar as narrativas. Enquanto a representação é importante para a visibilidade, a representatividade é fundamental para a equidade e a justiça social.

No campo literário, podemos dizer que a representação está ligada a presença de um grupo ou indivíduo dentro da obra, enquanto a representatividade vai além, dando a esses grupos o poder de narrar suas próprias histórias e moldar as narrativas. Já representação terá o papel de promover a visibilidade e a identificação dos leitores. Ao promover a diversidade e a inclusão, a literatura contribui para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

**2.1 Literatura de matriz africana: espaço da representatividade**

No relato de Chimamanda Ngozi Adichie[[6]](#footnote-6), fica claro que a representatividade e a representação mudaram o rumo do seu pensamento sobre sua própria história. A escritora nigeriana e ensaísta, também conhecida por seu envolvimento e liderança no pensamento feminista, explica que, ao iniciar no mundo da leitura, tudo que ela tinha a sua disposição era literatura estrangeira, como fonte de referências, as literaturas americanas.

Como eu só tinha lido livros nos quais os personagens eram estrangeiros, tinha ficado convencida de que os livros, por sua própria natureza, precisavam ter estrangeiros e ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Mas tudo mudou quando descobri os livros africanos. (Adichie.2009)

A autora relata que, por ter sempre lido livros dessa narrativa, ela própria não se via como nigeriana e muitas coisas no seu dia a dia retratava a influência da leitura em suas atitudes. Isso fica explicito quando ela cita uma lembrança. Em sua recordação, ela menciona um dos funcionários de sua mãe, esse funcionário tinha um irmão artesão e ela nunca havia pensado que dentro daquela família haveria a possibilidade as pessoas serem artistas por se tratar de uma família mais humilde financeiramente:

Certo sábado, fomos ao vilarejo de Fide fazer uma visita. Sua mãe nos mostrou um cesto de palha pintado com uns desenhos lindos que o irmão dele tinha feito. Fiquei espantada. Não havia me ocorrido que alguém naquela família pudesse *fazer* alguma coisa. Eu só tinha ouvido falar sobre como eram pobres, então ficou impossível para mim vê-los como qualquer coisa além de pobres. A pobreza era minha história única deles. (Adichie, 2019)

Somente quando saiu da Nigéria a autora relata que descobriu sua verdadeira essência, ela não se reconhecia como africana até então.

É curioso perceber que a conferência e o livro de Chimamanda abordam a problemática da representação única, que é geralmente estereotipada e utilizada para descrever realidades socioculturais diferentes do padrão hegemônico branco e eurocêntrico.  No caso da autora, somente após sua saída do país natal e o conhecimento de outras literaturas onde tinham a presença de pessoas negras foi um exemplo de representação. No entanto, a representatividade irá se manifestar quando pessoas negras ocupam o lugar de narradores dos fatos descritos ali.

A representatividade é um conceito mais abrangente e profundo do que a representação. Enquanto a representação se concentra na visibilidade, a representatividade se refere ao poder e à capacidade de influenciar as estruturas sociais. A busca pela representatividade é fundamental para a construção de sociedades mais justas e equitativas. A representação é um primeiro passo para a inclusão, mas a representatividade é fundamental para garantir que as experiências e perspectivas de todos os grupos sejam devidamente consideradas e valorizadas.

Entendemos que a literatura africana apresenta o sujeito de uma forma crítica, despido de idealizações, mas, sobretudo, valorizando a identidade negra e a cultura local de uma comunidade sequestrada de sua identidade. Nesse particular, a figura feminina apresenta-se como um elemento primordial do discurso nacionalista, que coloca a mulher representada como a mãe, a filha, a irmã ou a companheira.

Nesse sentido, essa literatura converte-se em uma forma de expressão artística que preserva e divulga as tradições, histórias e identidades africanas esteticamente arranjadas por meio de narrativas privilegiadas pela cor de uma cultura ancestral. Ela oferece, ainda, uma visão única e diversificada da África e de seus povos, desafiando estereótipos e narrativas dominantes ao abordar aspectos particulares desses povos, como a valorização da cultura africana; o resgate da ancestralidade; a forte presença de idiomas nativos; o lugar de destaque da oralidade; a dinâmica das questões raciais; ao abordar elementos feministas e do nacionalismo; dentre outros.

Encontramos no rol de obras da literatura de matriz africana algumas fundamentais: *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, *O vendedor de passados,* de José Eduardo Agualusa, *Yaka*, de Pepetela, *Os flagelados do vento leste,* de Manuel Lopes, *Luuanda,* de Luandino Vieira, dentre outras tantas.

A literatura, como lugar privilegiado da representação, sempre foi e continuará um campo fértil para se entender o homem de uma forma global. Ao se ler uma obra, é possível perceber algumas instâncias que contextualizam o homem, e, mesmo que separadas por limites precisos, ainda conseguem formar uma totalidade que dá sentido à personagem e ao enredo: o sujeito, a memória, e a história.

Antônio Emílio Leite Couto, mais conhecido como Mia couto, é um escritor e biólogo de origem moçambicana. Filho de portugueses que migraram que para a Moçambique, nasceu no dia 05 de julho de 1955, na cidade de Beira, Moçambique. Aos 14 (quatorze) anos de idade, teve seus primeiros poemas publicados no jornal local. Três anos após sua primeira publicação, o autor saiu da sua cidade natal e mudou-se para a cidade de Maputo.

Iniciou os estudos acadêmicos em medicina, mas abandonou essa área no início do terceiro ano semestre letivo, optando por seguir a carreira de jornalista, até o ano de 1975, onde o jornal no qual trabalhava foi destruído pelos opositores as ideias que eram divulgadas pelo então jornal Tribuna. Entre os anos de 1976 a 1979, tornou-se diretor da Agencia de Informação de Moçambique (AIM) e entre os anos 1979 a 1981, do jornal Notícias de Maputo.

Somente no ano de 1983 teve sua primeira obra publicada, sendo seu primeiro livro de poesia, *Raiz de Orvalho*. Obras essas que foram alvos de muitas de discussões no meio literário, por conter uma forma de fazer literatura. Essas obras em questão contêm poemas que, na época, eram vistos como contrários ao regime político, pregado naquele momento histórico.

Após a publicação do seu primeiro livro de poesia, desistiu da sua posição de diretor de jornais e decidiu dar continuidades aos seus estudos, porém, reingressou aos estudos universitários no curso de biologia, curso esse que deu origem a sua principal carreira e, até o presente momento, é exercida pelo autor.

Em 2009, no dia 29 de julho, o autor em visita ao Brasil, e concede uma entrevista, no Teatro Eva Herz, em São Paulo. Nessa entrevista, a repórter Rui Barata relata que o autor deixa transparecer que seu intuito é ainda continuar sua profissão como biólogo, pois está relacionado ao contato direto que tem com as pessoas, assim como o desenvolvimento de projetos em equipe e as trocas de informações e experiências, desenvolvidas no seu dia a dia no exercício de sua profissão.

Mia Couto é reconhecido pela sua capacidade de combinar elementos da literatura portuguesa com as tradições orais e culturais africanas. É um dos principais expoentes da literatura em Moçambique e países africanos de língua portuguesa. O seu trabalho reflete a complexidade das questões sociais, políticas e culturais no seu país e no continente africano.

Mia Couto, escritor reconhecido por sua ampla produção em prosa, também escreve poemas, voltando a se dedicar aos versos após um longo período.1 Nos poemas, são recorrentes alguns motivos e temas de seus contos e romances, como as constantes referências e metáforas de árvores, céu, terra, mar, rio, casa, entre outras. A essa espacialidade, ao mesmo tempo local, moçambicana, e universal, em que predominam os elementos de natureza, somam-se a temática da infância, da morte, do relacionamento amoroso e do próprio fazer poético. (Micheletti, 2018, p.835)

Sua escrita é marcada por uma linguagem poética e inovadora, frequentemente associada ao realismo mágico, e por um estilo narrativo que integra o cotidiano ao imaginário, o real ao fantástico. Dentro das suas obras, podemos encontrar a língua portuguesa ganhando características de Moçambique, isto é, dentro das obras o autor trabalha a língua portuguesa sem deixar de lado as raízes moçambicanas, colocando dialetos de diferentes regiões do país de sua origem, criando assim, uma nova forma de narrativa africana.

**2.2 A escrita e Mia Couto: marcas de oralidade e ancestralidade**

Em 1992, Mia Couto teve seu primeiro romance publicado, *Terra Sonâmbula*, e considerado seu romance mais emblemático e um dos maiores clássicos da literatura africana contemporânea, e *O Outro Pé da Sereia* (2006), que explora a complexidade das relações pós-coloniais. Além da sua produção literária, Couto é uma figura ativa na vida pública de Moçambique, comprometido com questões sociais e políticas, é reconhecido internacionalmente por sua contribuição à literatura, e já recebeu diversos prêmios, como o Prêmio Camões (2013), o mais prestigioso prêmio literário da língua portuguesa.

De acordo com o site UOL[[7]](#footnote-7), o prêmio mais recente do escritor foi o Prêmio FIL de Literatura em Línguas Românicas 2024, dotado de 150.000 dólares (R$ 843,3 mil), anunciou, nesta segunda-feira (2), o júri da Feira Internacional do Livro (FIL) de Guadalajara.

O prêmio tem como objetivo reconhecer os escritores vivos que tenham obras (dentro de qualquer gênero) de composições indispensável para a população em geral.

Mia Couto é reconhecido por suas traduções e por seu esforço em preservar as línguas e culturas tradicionais de Moçambique, especialmente as línguas bantu, que desempenham um papel fundamental em sua obra.

Dentro da sua escrita, notamos sua profunda conexão com a terra, em especial sua terra natal, além de estar conectado à essência humana e à relação com o ambiente natural. Destaca-se também pelo uso inovador e poético da língua, repleta de neologismos que captam a verdadeira natureza dos elementos que descreve. Com cada palavra inventada, ele cria uma atmosfera que mescla fantasia e surrealismo, convidando o leitor a um universo imaginário e pacífico, onde as histórias ganham vidas e os personagens são descritos de acordo com a sua visão do real. Através dessa forma linguística, o autor apresenta sua percepção única da beleza oculta das coisas, evocando mundos fantásticos, dentro de uma atmosfera sonhadora.

Esse ambiente de sonhos, característico de suas narrativas, fez com que Mia Couto fosse reconhecido mundialmente como um dos grandes nomes da literatura africana. É o único escritor africano membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira nº 5 desde 1998, cujo patrono é Dom Francisco de Sousa.

Em seu trabalho, Mia Couto utiliza a linguagem falada dentro de estruturas narrativas e linguísticas. Para ele, a palavra falada não é apenas um recurso estilístico, mas um reflexo profundo das tradições e cultura africanas, particularmente a de Moçambique, onde a palavra falada, as histórias, os mitos e a sabedoria popular desempenham um papel central na vida cotidiana do seu povo. Além disso, utiliza a palavra falada como meio de expressão da identidade e da memória coletiva, temas fundamentais em sua obra.

A escrita oralizada também permite que ele explore a subjetividade, o imaginário e as histórias do povo moçambicano, ao mesmo tempo que constrói uma ponte entre o passado e o presente. Seus textos não são apenas narrativas literárias, mas também formas de preservar e valorizar a tradição oral. O autor também apresenta em suas obras a combinação de diferentes níveis de linguagem, isso porque o povo usa a língua oficial e língua materna, fazendo assim uma adaptação dos termos regionais, com isso, suas obras ganham uma autenticidade sem igual e se proximidade com a realidade social e cultural de Moçambique.

A escrita de Mia Couto é caracterizada marcas singulares de sum sujeito plenamente inserido em seu contexto histórico e social, integrante ativo e participativo das lutas sociais de seu povo. Sua prosa poética, muitas vezes, é comparada pelos críticos à de Guimarães Rosa. Nela, é a influência da oralidade, reverberando um desejo de inovação verbal.

O realismo mágico é outra marca de sua escrita, circundada por recursos oriundos desse gênero, no qual a tradição oral africana aparece em seu esplendor, especialmente no uso de neologismos e inversões sintáticas.

No entanto, se pudéssemos eleger uma marca essencial em sua escrita, esta seria o engajamento político, pois o autor usa da literatura para abordar questões políticas importantes para seu povo, como o colonialismo, a guerra posterior à independência, a seca e a fome, e a opressão às mulheres e idosos.

Sua obra está pautada na convivência com a tradição, as histórias e modos de ser dos moçambicanos, que compõem os enredos de suas narrativas, caracterizando o autor como sujeito comprometido com uma literatura nacional, promovendo a divulgação de discursos voltados aos temas da nação, do passado colonial, da posição feminina na sociedade, das histórias dos mais velhos entre outros temas ambientados num espaço em trânsito.

Ao trazer a oralidade para a escrita, percebe-se a importância do lugar da primeira ocupa em uma sociedade ágrafa, em que a história se faz pelo registro oral para depois tornar-se cultura escrita. O escritor, ao fazer essa recolha da oralidade, faz na língua daquele que colonizou seu país, ao criar a partir de uma matriz linguística diferenciada dos idiomas falados em seu país, se compromete com o processo de reinvenção da língua portuguesa.

A ficção do escritor Mia Couto ressalta a memória e as histórias do povo moçambicano, colocando o cotidiano das aldeias e as histórias comuns do seu povo ao plano de importância que lhe é devido. Ao fazer uso do gênero conto como instrumento de manutenção dos aspectos particulares desse povo, Mia Couto valoriza a história e os ensinamentos na figura do griot, da criança, da natureza, do rio que se mostra humanizado. Suas narrativas recriam a história de seu povo.

O conto, “As três irmãs”, de Mia Couto, é o primeiro conto dentro da obra do autor “Os Fios das missangas”, publicada no ano de 2004. A Trama gira em torno das personagens: Gilda, Flornela e Evelina, três irmãs que, após a morte da mãe, foram isoladas pelo pai Rosaldo, mudando-se um local remoto, completamente isoladas do convívio social. O único contato que elas tinham era entre elas e o pai.

Cada uma das irmãs possui um dom específico para ajudar e foram criadas para realizar as funções do lar e satisfazer as necessidades o pai, uma vez que a mãe já não era mais presente: Gilda, é a irmã mais velha e tem o dom de rimar. Mas suas rimas não geram poesias ou textos, apenas rima palavra com palavra. Todo final de tarde, ela se sentava no jardim com o dicionário e punham-se a criar as rimas com as palavras.

Flornela, é a irmã do meio, desenvolveu a habilidade de cozinhar, além disso, ela transcrevia as velhas receita. Evelina, a irmã mais nova, tem como talento a criação de bordado, passava o dia a bordar na varanda da casa.

Essas habilidades específicas de cada irmã refletem não apenas seus talentos individuais, mas também a forma como contribuem para a vida da família. Isso ocorre porque as funções compartilhadas as irmãs eram de responsabilidade da mãe, em um lar comum da época, era a esposa a responsável pelo cuidado da casa.

O pai das meninas, o srº Rosaldo, remete a figura opressora da época. Isso ocorro pois o autor diz, que as meninas foram retiradas do convívio da sociedade após a morte da mãe, pois o homem teve medo de perder o controle sobre a vida das filhas, uma vez que, o autor deixa claro que o pai eram quem decidia através das funções estabelecidas as filhas, o destino de cada uma, destino esse que era serem filhas de forma exclusiva e definitiva.

A rotina das irmãs muda de forma drasticamente, quando em um dia qualquer aparece um jovem a passear pela redondeza onde as irmãs moravam, despertando nas meninas sentimentos antes desconhecidos e outros adormecidos. Todas entram em euforia e tentam se embelezar com banho e perfumes, na tentativa de encontrar o rapaz, deixando de lado os afazeres domésticos. No entanto, a drama sofre uma grande revira volta, envolvendo os 5 personagens. A reação do pai é marcante acontece uma reviravolta inesperada na trama. O desfecho do conto deixa o leitor completamente surpreso, pois é um final inesperado e deixa uma grande dúvida no ar.

O conto “As Três Irmãs” de Mia Couto pode se relacionar com a obra de outros autores africanos, pois as abordagens presentes são temas universais e buscam pela construção da identidade, a valorização da tradição e as condições humanas, entrelaçados com a realidade e as experiências africanas.

**2.3 “As três irmãs”: simbologias e representação estética**

É sabido que a simbologia pode se transformar em uma ferramenta literária ao expressar ideias por meio de símbolos, imagens ou objetos, e, quando presente no gênero conto, ainda consegue aumentar a profundidade e o significado do texto, envolvendo a imaginação e as emoções do leitor ao fazer com que o irreal e o subjetivo adquiram um aspecto concreto.

Nesse sentido, o sistema simbólico permite ao leitor compreender a complexidade que os signos trazem às representações do inconsciente coletivo de um povo e/ou cultura. Se colocarmos que todos os povos sempre narraram suas histórias pelos contos e pelos mitos, mesmo em sociedades ágrafas, pode-se perceber a importância da oralidade como mecanismo essencial que agrega valores aos aspectos sociais de cada povo, permitindo que suas memórias sejam preservadas.

O conto “As três irmãs”, já no início, nos revela uma característica muito utilizada do autor em suas obras, a ligação com a sua terra e a busca constante de uma identidade, na frase: se isolaram tanto e tão longe que as moças esqueceram até do sotaque de outros pensamentos. Isso mostra que as irmãs, já não tinham mais identidade própria, apenas o que o pai as criou para ter.

A família, apesar de tradicional, não era mais composta pela figura materna, isso faz com que o cenário seja diferente do tradicional na época, pois para uma família ser completa eram necessárias as figuras paterna e materna junta. Outra marca histórica encontrada de início da obra, é a forma como o pai molda as filhas, fazendo com que elas assumam a função da mãe e oprimido a vontade das filhas. No conto, o pai está representando o papel do opressor, impondo suas vontades e isolando as filhas, a fim de mantém-las sobre seu domínio.

Apesar de presas ao domínio do pai, as filhas buscam dentro das suas funções liberdade de expressão, quando o autor disse que Gilda, suspirava entre uma rima e outra. Já Flornela, cantarolava em meio os preparos das comidas e quando se pegava a cantar, rapidamente se continha. Evelina, por sua vez, viajava entre as brisas frescas do jardim. Esses pequenos momentos de liberdade, mostram que até em pensamentos as meninas eram submetidas as vontades do pai, uma vez que logo elas próprias afastavam os pensamentos de pequenos prazeres de suas mentem.

Como marca da oralidade de Mia couto, observa-se que o conto é narrado na terceira pessoa, utilizando as irmãs como foco narrativo. Sendo que, através delas é que são contados os seus sentimentos, pensamentos e os fatos acontecidos. Dentro do conto, observamos também a famosa criação de palavras do autor como: Versejava, no sentido de criar. Bravia, utilizada como marca da oralidade, demostrando o sotaque do narrador.

A narrativa da história reflete profundamente as características marcantes de Mia Couto, como a sua ligação à sua terra natal e a sua busca por identidade, e a rica linguagem, ligada ao sotaque encontrada no conto. A opressão sofrida pelas filhas através do pai, mostra um cenário familiar com a falta da figura materna e essa falta, faz com que as filhas tenham sua vida completamente moldada de forma submissa. Através da terceira pessoa e da criação de palavras únicas, o autor construiu um retrato poético e sensível dos personagens que reafirmam sua singularidade literária.

O final do conto nos faz refletir e nos remete a pensar na questão da resistência. Uma vez que as irmãs podem ter se sentido novamente oprimidas, pois o pai tirará delas a chance de sair daquele local com o jovem em busca de uma nova vida e o jovem, ter as colocado de volta a sua triste realidade de submissão a opressão sofrida pelo pai.

Entender que os contos, como material histórico, mesclam realidade e invenção, conduzindo o leitor/ouvinte por um caminho fantástico, ao tempo em que absorve a história e cultura por meio dos relatos de tradições, possibilita a interpretação simbólica dos contos pelo viés da literatura.

Mia Couto em “As três irmãs” nos apresenta a história de três mulheres criadas de forma isolada pelo pai viúvo. Gilda, Flornela e Evelina vivem a vida que o pai, Rosaldo, “semeara nelas” (Couto, 2009, p.9), cada menina tinha uma responsabilidade no contexto familiar, a fim de suprir a ausência da figura materna: Gilda é a que faz versos; Flornela é responsável pela comida; e Evelina, é a que borda. Todas ocupações que trabalham com as mãos, responsáveis por manter a pretensa ordem do núcleo familiar.

O conto, de forte viés intimista, apresenta-nos uma atmosfera fria pelo ambiente em que estão as personagens estão inseridas, suscetível a interpretações sobre a relação entre três filhas e seu pai, marcado pelas crenças patriarcais que se inserem no seu modo de agir com as filhas.

Gilda, Flornela e Evelina foram instruídas para servir o pai em diversas necessidades cotidianas e domésticas sem questionarem a vontade e poder da figura paterna. Nota-se, logo de início, que elas estão colocadas em posição inferior à figura masculina paterna que se comporta como opressor, ditando regras a serem seguidas e obedecidas cegamente pelas filhas.

O destino que Rosaldo semeara nelas: o serem filhas exclusivas e definitivas. Assim postas e não expostas, as meninas dele seriam sempre e para sempre. Suas três filhas, cada uma feita para um socorro: saudade, frio, fome. (Couto, 2009, p.11).

[...]

Olhemos as meninas, espreitemos o seu silencioso e adiado ser. (Couto, 2009, p.11).

O narrador nos convida a compreender a dinâmica daquela família, com a realidade das três personagens, três moças que representam um símbolo da imposição de comportamentos por quem as encaram como propriedade, forçando-as a reprimir desejos, incapazes de reagir contra o autoritarismo e a força do pai.

Rosaldo determina o que cada uma deve fazer, diária e repetidamente, ocupar a cada uma delas com uma tarefa específica é uma forma de controla-las diante da tentação dos prazeres e dos desejos guardados que poderiam ameaçá-lo. O isolamento da casa em que moram também ajuda nesse sentido.

No conto, cada uma das filhas é descrita individualmente, apresentadas em suas particularidades, suas tarefas diárias. Gilda, a mais velha, era poetisa, criava rimas, mas jamais as transformara em poesias porque seu coração não lhe permitia viver.

Gilda, a mais velha, sabia rimar. O pai deu contorno ao futuro: a moça seria poetisa. Mais ela versejava, menos a vida nela versava. Esse era o cálculo de Rosaldo: quem 10 assim sabe rimar, ordena o mundo como um jardineiro. E os jardineiros impedem a brava natureza de ser bravia, nos protegem dos impuros matos. (Couto, 2009, p.9).

[...]

De quando em quando, uma brisa desarrumava os arbustos. E o coração de Gilda se despenteava, mas logo se compunha, enquanto o mundo fosforecia ao redor. (Couto, 2009, p.12).

Para ela, embora os dias se apresentem tão cinzentos, ainda há esperanças de um desejo que ainda permanece vivo.

Flornela, a cozinheira, diferencia-se de Gilda porque sua tarefa é outra. Ao fazer referência à escrita das velhas receitas recriadas pela jovem, o narrador representa a esperança que ainda existe em seu coração.

A do meio, Flornela, se gastava em culinárias ocupações. No escuro húmido da cozinha, ela copiava as velhas receitas, uma a uma. Redigia palavra por palavra, devagar, como quem põe flores em caixão. Depois, se erguia lenta, limpava as mãos suadas e acertava panelas e fogo. Dobrada sobre o forno como a parteira se anicha ante o mistério do nascer. (Couto, 2009, p.10).

O que chama a atenção nessa narrativa é a vontade de ter uma vida e um destino diferente de sua realidade. A capacidade que essas três irmãs têm de, mesmo diante de tantas imposições e limitações, nunca abandonarem a vontade de viver a partir de uma pequena esperança de serem felizes ou de viverem experiências que os seus corações desejam.

Por vezes, seus seios agitavam seus olhos taquicardíacos traindo acometimentos de sonhos. E até, de quando em quando, o esboço de vir cantar lhe surgia. Mas ela apagava a voz como quem baixa o fogo, embargando a labaredazinha que, sob o tacho, se insinuava. (Couto, 2009, p.12).

A terceira filha a mais silenciosa:

Na varanda, ia bordando Evelina, a mais nova. Seus olhos eram assim de nascença ou tinham clareado de tanto bordar? Certa vez, ela se riu e foi tão tardio, que se corrigiu como se alma estrangeira à boca lhe tivesse aflorado. Lhe doía se lhe dissessem ser bonita. Mas não diziam. Porque além do pai, só por ali havia as irmãs. E, a essas, era interdito falar de beleza. As irmãs faziam ponto final. Ela, em seu ponto, não tinha fim. Dizem que bordava aves como se, no tecido, ela transferisse o seu calcado voo. Recurvada, porém, Evelina, nunca olhava o céu. Mas isso não era o pior. Grave era ela nunca ter sido olhada pelo céu. (Couto, 2009, p.13).

[...]

Em ocasiões, outras, sobre o pano pingavam cristalindas tristezas. Chorava a morte da mãe? Não. Evelina chorava a sua própria morte. (Couto, 2009, p.12).

Mas um dia, sempre há um dia, em que essa esperança nutrida em silêncio por elas surge na figura de um rapaz que, ao chegar às redondezas, lhes desperta para a vida. “Tremeu a agulha de Evelina, queimou-se o guisado de Flornela,desrimou-se o coração de Gilda” (Couto, 2009, p.13).

Logo-logo, as irmãs notaram o olhar toldado do pai. Rosaldo não tirava atenção do intruso. Não, ele não levaria as suas meninas! Onde quer que o jovem vagueasse, o velho pai se aduncava, em pouso rapineiro. Até que, certa noite, Rosaldo seguiu o moço até à frondosa figueira. Seu passo firme fez estremecer as donzelas: não havia sombra na dúvida, o pai decidira por cobro à aparição. Cortar o mal e a raiz. (Couto, 2009, p.13).

No entanto, o desejo das filhas encontra a oposição da figura soberana do pai. Rosaldo segue o rapaz que o ameaçara e, nesse momento, a narrativa adota um rumo que surpreende o leitor, mas que fundamenta algumas interpretações inusitadas. Ao sair, ele é seguido pelas filhas, que estão angustiadas em saber que talvez o pai faça alguma maldade contra o jovem:

As três irmãs correram, furtivas entre as penumbras e seguiram uma cena a visível distância. E viram e ouviram. Rosaldo achegando ao visitante e lhe apertando as engasganetes. A voz rouca, afogados no borbulhar do sangue: - Você não se meta com minhas filhas! (Couto, 2009, p.14) E ante o terror das filhas (...) eis que o mundo desaba em visão. E os dois homens se beijaram terna e eternamente. (Couto, 2009, p.14).

As três foram criadas nesse cenário árido, não só da terra, mas também de amor ou afeto, sem voz que as representasse, as meninas eram tristes, isoladas do mundo, mas que se enchem de esperança diante da presença inesperada de um jovem que por ali aparece, despertando-lhes a vaidade de mulher, o desejo. No entanto, o sonho logo recebe “o olhar toldado do pai”. O desfecho do conto é surpreendente, pois o pai beija o jovem. Assim, como se não bastasse ter roubado a vida das suas três filhas, Rosaldo também lhes rouba a única oportunidade de amor. Diante dessa cena, as irmãs se unem e o desfecho no leva a entender que elas matam o jovem e o pai, numa espécie de vingança por tudo que lhes foi roubado pela figura paterna.

O narrador nos descreve uma cena surpreendente, em que notamos a surpresa das filhas que esperavam uma atitude violenta do pai sobre o rapaz. “Estrelas e espantos brilharam nos olhos das três irmãs, nas mãos que se apertavam em secreta congeminação de vingança. Dias é que só há um. Para Rosaldo e o visitante, esse foi o dia. O derradeiro” (Couto, 2009. p.14).

Antes de imaginarmos as possibilidades de interpretação para esse desfecho, é importante ter em mente que na literatura há diversas formas de análises a partir dos discursos que emanam do texto, tendo em vista que para tudo o que se apresenta há uma razão, se não óbvia, mas lógica com o contexto narrativo. Assim como não há uma interpretação única e exclusiva sobre uma obra, não deve haver uma imposição sobre elementos que devem ou não ser vistos. Não nos deteremos na interpretação da cena final, visto não ser o nosso intento na presente pesquisa, mas sim observar a dinâmica da narrativa de Mia couto no conto *corpus* e sua representatividade como expoente da literatura de matriz africana.

Falar da obra de Mia Couto é lembrar da sua importância no contexto social de um continente marcado pela desapropriação cultural. No campo da literatura, o conto “As Três Irmãs”, em que, de um lado havia o padrão pelo menos normal diante de uma comunidade pautada no patriarcalismo, o enredo elaborado por Mia Couto dá vazão às normativas opressoras que sujeita indivíduos por elas controlados. Por outro lado, surpreende com as relações humanas modernas, da homoafetividade, subentendida no desfecho do conto.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ligada às raízes orais, a literatura africana preservou seu legado através das histórias, mitos e poesias passadas entre as gerações. Durante a colonização, a oralidade tornou-se um meio de resistência cultural, conectando os povos as suas raízes e combatendo a opressão imposta sobre suas identidades. Os conceitos de identidade, representatividade e representação destacaram-se ao mostrar como a literatura pode refletir e moldar a percepção da cultura em meio a sociedade.

Mia Couto é um dos grandes nomes da literatura africana, pois ele mistura a oralidade de África com a literatura em língua portuguesa, criando assim narrativas únicas sem deixar de lado as influências e as marcas do povo africano. As obras do autor explicam que a oralidade serviu como meio vital na manutenção das raízes ancestrais e nas manifestações de lutas contra a pressão sobre o apagamento das identidades do povo africano. Dentro desse contexto, outra figura importante são os idosos, e o papel que eles tiveram na transmissão dos seus conhecimentos nas gerações posteriores. O autor utiliza também o neologismo dentro da linguagem poética a fim de conectar o leitor a realidade moçambicana.

O conto “As Três Irmãs” mostra como a opressão funciona e a busca por identidade em um contexto africano. A história mostra como as três irmãs foram isoladas pelo pai após a morte da mãe, e como cada uma foi moldada para substituir o papel materno dentro de casa. A aparição de um jovem desperta sentimentos reprimidos, e demostra esses sentimentos como meio de resistência a opressão sofrida. Provocando, assim, um conflito que caminha para um desfecho ambíguo. Com neologismos e marcas de oralidade, o conto reflete a luta entre submissão e liberdade, reafirmando o estilo único do autor e sua conexão com a tradição africana.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ARAGÃO, M. L. Gêneros Literários. In: SAMUEL, R. **Manual de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade***:*lembranças de velhos. São Paulo, T.A. Queiroz, 1979.

CHAVES, Rita. **José Luandino Vieira:** Consciência Nacional e Desassossego. In: Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários. Cotia, SP: Ateliê, 2005, p.11-44.

COUTO, Mia. **O Fio das Missangas**. Companhia das Letras. 1ª ed. 23ª impressão. São Paulo, 2009.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva***.*Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

MICHELETTI, Everton Fernando. **Autobiografia (não) autorizada:** eu lírico e autoria em poemas de Mia Couto. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), *[S. l.]*, v. 47, n. 3, p. 835–850, 2018. DOI: 10.21165/el.v47i3.1990. Disponível em: https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1990. Acesso em: 07 nov. 2024.

SANTILLI, Maria Aparecida. Três literaturas distintas. In: **Estórias africanas: história & antologia**. São Paulo: Ática, 1985, p.07-30.

S/A - **Moçambicano Mia Couto ganha Prêmio FIL de Literatura** 2024. UOL.COM, 2024. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2024/09/02/mocambicano-mia-couto-ganha-premio-fil-de-literatura-2024.htm. Acesso em: 15 nov. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaraciara Lopes Louro – 11º ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

1. De acordo com as autoras Alves e Mendes, no artigo: A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas literaturas, a palavra velho, está sendo usado para identificar pessoa mais velha, de mais idade e conhecimento mais profundo, dentro do contexto de África, uma pessoa que tem acúmulos de conhecimento. (Alves; Mendes, 2011) [↑](#footnote-ref-1)
2. Ágrafa é o feminino de ágrafo. Significado de ágrafo, que não tem representação escrita; que não está escrito nem pode ser representado por meio da escrita. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/agrafo-2/>. Acesso em: 01 de novembro de 2024 [↑](#footnote-ref-2)
3. Na tradição africana, os “griots” (dizemos griôs) e “griottes” (mulheres) são contadores de histórias, muito sábios e respeitados nas comunidades onde vivem. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/colegiodeaplicacao/wp-content/uploads/2020/03/Teatro_Luciane.pdf>. Acesso em: 01 de novembro de 2024 [↑](#footnote-ref-3)
4. Língua falada na região de Luanda-Malange. [↑](#footnote-ref-4)
5. Língua falada na região montanhosa central de Angola. [↑](#footnote-ref-5)
6. Em 2009, Chimamanda Ngozi Adichie proferiu uma conferência TED talk intitulada “O perigo de uma história única”. A obra é uma adaptação do discurso e está disponível no Brasil desde 2018. [↑](#footnote-ref-6)
7. O UOL (Universo Online) é uma empresa brasileira de conteúdo, tecnologia, serviços e meios de pagamento - <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2024/09/02/mocambicano-mia-couto-ganha-premio-fil-de-literatura-2024.htm>. Acesso em: 15 de novembro de 2024. [↑](#footnote-ref-7)